

Estudo comparado sobre o crescimento e a estabilização econômica do Japão e da Coreia do Sul no pós-II Guerra Mundial

Economic growth and stabilization of Japan and South Korea after the World War II: a comparative study

Igor Mariano de Araujo

Resumo

Este artigo visa a discutir, por meio de pesquisa bibliográfica, alguns pontos do processo de crescimento econômico da Coreia do Sul e do Japão no pós-II Guerra Mundial que poderiam ser aplicados em economias emergentes. Além da reestruturação econômica, industrial e fiscal, às quais esses países foram submetidos, nota-se que a reformulação no sistema educacional teve importância primordial para o alcance e manutenção do alto padrão de vida dessas populações.

Palavras-chave: Economia; Desenvolvimento; II Guerra Mundial; Japão; Coreia do Sul.

Abstract

This article aims to discuss, based literature, some points in the economic growth of South Korea and Japan after World War II that could be applied in emerging economies. Besides the economic, industrial and fiscal policies to which these countries were submitted, it is noted that the reformulation of the educational system was a paramount in order to achieve and maintaining the high standard of living of these populations.

Key words: Economy; Development; World War II; Japan; South Korea.

A pesquisa que originou este artigo pautou-se nas condições históricas de crescimento e estabilização econômica de dois países asiáticos, a saber, Japão e Coreia do Sul. Ambos sofreram profundas transformações, no início do século passado, por conta de anexações territoriais e guerras, entre outros processos que causaram grandes tensões sociais, prejuízos estruturais e econômicos a esses Estados (PETERSON, 2010).

Atualmente, segundo medições da *United Nations Development Programme*,¹ o padrão de vida das populações desses dois países atinge elevados patamares, integrando o grupo das principais economias do sistema internacional. Tornou-se então latente a necessidade de explicar sua recuperação econômica e elevação do padrão de vida, mais notadamente iniciadas no período após a II Guerra Mundial.

Esta pesquisa visou, então, a traçar um comparativo entre duas economias asiáticas, identificando aspectos comuns que possibilitaram uma revitalização social e econômica no cenário extremo-oriental, entre outros aspectos que explicam como essas economias emergentes puderam elevar os níveis de bem-estar social como um todo.

Diante do contexto previamente apresentado, a proposta estabeleceu o seguinte problema de pesquisa: quais aspectos do desenvolvimento do Japão e Coreia do Sul assemelham-se e diferem das economias ditas em desenvolvimento? A hipótese básica é de que ambos os países investiram significativo volume de recursos em necessidades básicas como educação, ciência e tecnologia como forma de obter rapidamente o desenvolvimento econômico e social.

O tipo de pesquisa caracterizou-se pelo caráter descritivo com base em análise bibliográfica e ênfase em uma abordagem histórica. Foram uti-

1. Segundo esse departamento das Nações Unidas, Japão e Coreia do Sul ocupam posições no nível "Very high human development" no ranking "Human development index" (IDH).

lizados diversos livros e artigos científicos, visando a responder a questão-problema.

Para a coleta de dados, utilizou-se uma ampla literatura de origem estrangeira, devido à maior disponibilidade de informações sobre as nações estudadas.

Mark Peterson (2010), em *A brief history of Korea*, narra algumas das transformações sociais pertinentes ao período estudado naquele país, enquanto Gilmar Masiero (2000), em *A economia coreana: características estruturais*, foca sua análise nos aspectos econômicos que permearam os anos do pós-guerra na península, trazendo informações em forma de gráficos e tabelas muito bem estruturadas.

Takafusa Nakamura (1985), em *Desenvolvimento econômico do Japão moderno*, traça um panorama abrangente de todo o processo de mudança de patamar no crescimento econômico e desenvolvimento social do Japão no período após 1945, além de apresentar uma retrospectiva referente ao início da formação dos grandes conglomerados industriais no país, período anterior ao proposto pela presente pesquisa.

Um complemento à análise de Nakamura pode ser encontrado em *Ascensão e queda das grandes potências*, de Paul Kennedy (1989), que envolve também outras situações presentes no cenário internacional, indo além da experiência asiática.

José Pedro de Oliveira Monforte (2010) em seu artigo “As lições da grande depressão foram aprendidas; e as lições japonesas?”, discute os elementos que permitem uma breve comparação entre as formas de gestão de instituições financeiras nos Estados Unidos e no Japão em períodos críticos.

James Abglenn e George Stalk Jr. (1985), em *Kaisha: the Japanese company as a competitor*, compila dados e informações históricas a respeito da atuação das empresas japonesas, enquanto base de sustentação do crescimento econômico e da industrialização massiva do país no pós-II Guerra.

Tatsuro Uchino (1983), em *Japan's postwar economy*, descreve os acontecimentos do pós-guerra sob um ponto de vista econômico, porém relacionando-os com a situação política da Coreia, no mesmo período.

A obra autobiográfica de Akio Morita (1986), um dos fundadores da *Sony Corporation, Made in Japan*, traz *insights* valiosos sobre a lógica – e até em certos momentos, sobre a ética – comercial, enquanto trata das dificuldades relativas às diferenças culturais que permearam a história da consolidação da sua empresa, tida como um dos ícones da economia nipônica.

Por fim, a obra que mais contribuiu diretamente para o desenvolvimento da pesquisa versa justamente sobre os aspectos do crescimento da economia japonesa sob outro ponto de vista. Ao invés da descrição comum

de um fenômeno único na economia mundial, com *Lectures on developing economies: Japan's experience and its relevance*, Kazushi Ohkawa e Hirohisa Kohama (1989) identificam pontos da experiência nipônica aplicáveis em economias emergentes.

Condições iniciais para o desenvolvimento

Apesar de as tensões político-militares entre Japão e Coreia do Sul existirem desde os tempos da II Guerra Mundial, e anteriormente, com a ocupação e colonização japonesa do território coreano, o período do pós-guerra foi marcado por extremo desenvolvimento econômico e social para ambos. Para o Japão, a historiografia elenca mudanças estruturais relevantes na economia desde o século XIX, enquanto para a Coreia, tais mudanças se tornam mais aparentes com a chegada dos anos 1960.

O caso japonês é emblemático, pois muito desse crescimento espantoso teve suas origens ainda no século XIX, mais precisamente em 1868. Nesse período, o Japão vivia uma paz relativa e um isolamento do mundo exterior. Foi quando a abertura dos portos trouxe intensivamente o comércio com potências ocidentais e o choque cultural entre ocidentais e orientais: foi a chamada *Era Meiji*, ou *Restauração Meiji*.

Dentre as medidas adotadas instituíram-se um sistema monetário tendo o Banco do Japão como único emissor de notas bancárias, um sistema fiscal baseado na tributação de terras, um sistema de correios e telégrafos em nível nacional. Expandiu-se a infraestrutura como estradas, ferrovias e marinha mercante e promoveu-se uma intensa comercialização de máquinas com as potências estrangeiras (NAKAMURA, 1985).

Com o advento da Primeira Guerra Mundial, a industrialização marcante no Japão já fazia o país atrair as atenções do resto do mundo, além de até então ser um país agrícola que conseguiu vencer duas importantes guerras em escala regional, como a Guerra Sino-Japonesa de 1894-95, e a Guerra Russo-Japonesa de 1904-05. O aumento da produção industrial decorrente da Primeira Guerra teve seu ápice e declínio já em 1920, sofrendo até a década de 1930 com a Grande Depressão e o embargo do Padrão Ouro. A situação se normalizaria após esse período, com grande aumento nas exportações de têxteis, no desenvolvimento da indústria química e na formação de conglomerados comerciais (NAKAMURA, 1985).

Essa concentração industrial deu origem ao *Zaibatsu*, ou o monopólio nos moldes japoneses, em que famílias importantes se uniram para exercer o controle de empresas em áreas-chave da economia. Os quatro grandes grupos dessa modalidade são *Mitsubishi*, *Mitsui*, *Sumitomo* e *Yasuda*.

Quanto à situação coreana a partir da década de 1910, apesar de ainda persistirem as acusações de violência cometida pelo Japão durante sua ocupação, bem como a “eufemização” de tais atos nos livros de história japoneses, é sabido que os colonizadores construíram mais de 6.000 km de linhas férreas e 53.000 km de rodovias e estradas vicinais (PETERSON, 2010).

Nos anos 1940, os japoneses deslocaram algumas de suas empresas de setores estratégicos para a Coreia, a fim de protegê-las das investidas das Forças Aliadas. A *Chosen Aircraft Company*, por exemplo, empresa resultante do capital japonês investido e da iniciativa de um empreendedor coreano pró-Japão, ajudou na construção dos aviões *Kamikaze* em 1945. Os bancos japoneses investiram no desenvolvimento de sua colônia por motivos diferentes, se observados sob o ponto de vista de cada país, mas efetivamente contribuíram com maquinário têxtil, usinas hidrelétricas, indústria química e refinarias. Nessa época também a Coreia havia se tornado a fornecedora de bens manufaturados para a colônia japonesa na Manchúria (PETERSON, 2010).

O desenvolvimento civil também pode ser observado com a criação do serviço postal, jornais, bancos, empresas, organizações sindicais, e a transição de uma economia baseada na agricultura e na aristocracia rural dependente dos camponeses, para uma sociedade industrial com uma classe média emergente capaz de conduzir seus negócios sob a orientação capitalista (PETERSON, 2010).

Quadro 1

Comparação econômica simplificada entre Coreia do Sul e Japão

	Japão	República da Coreia
Capital	Tóquio	Seul
População (ONU, 2009)	127.2 milhões	48.3 milhões
Área	337,864 km ²	99,313 km ²
Linguagem	Japonês	Coreano
Religiões	Xintoísmo, Budismo	Budismo e Cristianismo
Expectativa de vida (ONU, 2009)	79 anos (H), 86 anos (M)	76 anos (H), 83 anos (M)
Unidade monetária	Yen	Won
Exportações	Veículos, peças de informática, maquinário industrial e hospitalar, produtos químicos.	Equipamentos eletrônicos, maquinário industrial e de transporte.
GNI per capita (World Bank, 2008)	38,210 USD	21,530 USD

Fonte: ONU; World Bank, 2011.

A recuperação econômica japonesa pós-1945

Desde o pós-II Guerra o Japão desfruta de uma posição de vantagem econômica e política na região, porém uma posição tida como frágil pelo próprio país. O melhor cenário seria a continuação dos fatores que possibilitaram o “milagre japonês” desde 1945 e que, segundo Kennedy (1986, p. 436-441), formam uma “... estrutura industrial reparável, população instruída e coesa com disposição para reconstruir a nação”. São esses fatores que, conjuntamente ao apoio econômico dos Estados Unidos na época da reconstrução, marcaram o desenvolvimento econômico japonês no referido período.

Os japoneses, resistentes a uma mudança no sistema internacional anárquico, prezam por manobras diplomáticas e pela solução pacífica de controvérsias. Todavia, o desenvolvimento tecnológico e o acúmulo de capital aumentaram a sensibilidade quanto a assuntos envolvendo conflitos.

O que se pode observar no Japão no período imediatamente posterior à II Guerra Mundial é um cenário de descontentamento extremo e incerteza quanto aos rumos que o país tomaria. A ocupação do território por tropas norte-americanas, o desemprego e os elevados índices de inflação contribuíram para essa percepção. A situação não mudaria até outro evento de natureza militar acontecer e redefinir parte do mapa asiático.

Resumidamente, a Guerra da Coreia (1950-1953) representou oportunidades enormes de crescimento para o Japão, principalmente por causa de sua aliança com os Estados Unidos, que posicionaram o país com certa vantagem em relação à hostilidade entre Ocidente e Oriente decorrente do início da Guerra Fria. Da mesma forma, a Guerra da Coreia acelerou a desocupação militar americana no Extremo Oriente e mudou o rumo das negociações para garantir desenvolvimento econômico para o Japão, para que o país fizesse frente ao crescimento do comunismo na Ásia, como também representou um passo na direção de se assinar o Tratado de Paz de São Francisco.²

Em setembro de 1951, foi realizada a Conferência de Paz de São Francisco e 47 nações assinaram esse tratado que marcou a retomada dos movimentos de independência do Japão, mesmo com o respaldo americano, que o apoiava em sua entrada no FMI e no Banco Mundial, e com a manutenção de bases americanas em território japonês, o que é alvo de con-

2. O Tratado de São Francisco teve o objetivo de finalizar oficialmente a II Guerra, tirar o Japão de sua posição como país monárquico com anexações territoriais no Pacífico, e estabelecer uma série de pagamentos e compensações a serem feitos pelo governo japonês às Forças Aliadas e aos países prejudicados por suas ações militares.

trovérias até o presente momento, por exemplo, com a recente renúncia do primeiro-ministro Yukio Hatoyama em junho de 2010, por exigir a retirada de bases instaladas em Okinawa. As relações diplomáticas ainda levaram mais tempo para serem restabelecidas entre o Japão e seus antigos inimigos de guerra, e mesmo entre o país e Estados ex-comunistas.

Dadas as negociações entre URSS e China que culminaram na Guerra da Coreia, os esforços diplomáticos dos Estados Unidos no sentido de barrar a expansão comunista na Ásia tomaram a forma do Tratado de São Francisco. O Japão foi judicialmente obrigado a renunciar às possessões que tinha na Ásia, como as ilhas do Pacífico, territórios na Antártica, e por fim, a reconhecer também a independência da Coreia. O artigo 14³ descreve os casos em que se aplicaram as reparações financeiras de guerra – impostas pelas Forças Aliadas – às áreas afetadas pela ofensiva japonesa. Esse processo ajudou a enfraquecer os grandes conglomerados familiares (*Zaibatsu*) fortemente presentes na economia japonesa, bem como flexibilizou as leis trabalhistas no Japão (MORITA, 1986, p. 167).

Os pontos principais, segundo Uchino (1983), estabelecidos pelo Tratado de Paz de São Francisco foram:

- a) Reformas de ocupação com a transferência do poder para os japoneses.
- b) Adoção do sistema 6 – 3 de educação padronizada americano (seis anos de escola primária e três de ensino médio).
- c) Reforma financeira preservando o livre comércio e o fim dos monopólios (*Keiretsu*), o que significaria uma mudança drástica para os grupos monopolistas familiares (*Zaibatsu*) do Japão pré-guerra.
- d) A padronização das indústrias japonesas nos moldes internacionais, com vistas a adequá-las ao desenvolvimento baseado em mão de obra abundante e acúmulo de capital. Essa medida denota a política norte-americana de sugerir ou mesmo impor o seu sistema desenvolvimentista a todos os seus aliados e aos simpatizantes do modelo ocidental.

A partir dos anos 1950, nota-se também um salto na economia japonesa, principalmente devido a gastos militares americanos (guerras da Coreia e Vietnã), que impulsionaram os setores de produção de bens de exportação. Como exemplo desse fenômeno, há registros consistentes de que a conhecida companhia automotiva Toyota, quase falida, consegue reverter sua situação e volta a integrar solidamente o mercado de seu segmento após servir a encomendas do Departamento de Defesa americano (KENNEDY, 1986).

3. 1951 Peace Treaty between Japan and the Allied Powers, UCLA Center for East Asian Studies.

Há uma tendência em se buscar os mais altos padrões de qualidade por se emprestar métodos de produção e administração ocidentais, bem como há empenho na manutenção de um alto padrão de vida para a população, com incentivo à educação. Também é notável o desenvolvimento da engenharia elétrica nesse período e a vantagem de se ter poucos gastos com defesa, pelo fato de o país ter se tornado desmilitarizado e protegido militarmente pelos USA após 1945. Assim, o Japão parecia estar desonerado de muitas de suas obrigações estatais, tendo tempo e recursos quase em sua totalidade a serem convertidos em um desenvolvimento econômico e social consistente.

O *ethos* social pelo trabalho árduo, o amor à corporação como principal causador de um enorme aumento de capital da economia japonesa, somados a políticas fiscais que incentivavam a poupança e os investimentos pessoais, moldaram uma sociedade com apreço pelo bom emprego das finanças e pelo planejamento (KENNEDY, 1986).

O fator social desempenha um papel preponderante na questão do desenvolvimento do Japão, pois, antes de econômico, ele é um fenômeno que se inicia numa sociedade devastada pela arma atômica e que se viu obrigada a se render e aceitar subsídios estrangeiros para ser reconstruída.

Para um país de tendência fortemente isolacionista e com um histórico de vitórias e anexações militares, a situação do pós-II Guerra não parecia ser das mais esperanças.⁴

Por fim, beneficiado pelo próprio Ministério do Comércio Internacional e Indústria por incentivar o desenvolvimento tecnológico e promover o fechamento de antigas indústrias, diferentemente do *laissez-faire* americano, o Japão contou com regras comerciais protecionistas que acabaram sendo acatadas por potências ocidentais (KENNEDY, 1986).

O ponto de vista coreano e as décadas seguintes

Ao final do período colonial japonês, em 1945, o analfabetismo girava em torno de 80% e somente 2% da população acima de 14 anos possuía o ensino secundário. A Coreia iniciou seu processo de modernização com baixos níveis de recursos humanos capacitados. Estes parecem ter iniciado seu entusiasmo pela educação quando os universitários foram isentos de participar da Guerra da Coreia.⁵ (MASIERO, 2000, p. 6)

4. O livro *Made in Japan*: Akio Morita e a Sony Corporation (1986) traça um panorama desse período na visão de um jovem que viria a ser um dos fundadores de uma das companhias japonesas mais bem-sucedidas de todos os tempos, a Sony. Nota-se a mudança psicológica e cultural que acometeu muitos indivíduos nesse período de abertura abrupta da economia e das leis no Japão.

5. Fato semelhante pode ser notado quanto ao envolvimento dos jovens universitários japoneses com a II Guerra. Ver *Made in Japan*: Akio Morita e a Sony Corporation.

A mudança da condição coreana iniciou-se com Park Chung Hee, em 1961. Tida como uma nação de industrialização tardia, e chamada de “Tigre”, assim como outras nações próximas e com características semelhantes de crescimento econômico, como Hong Kong, Cingapura, e Taiwan, a Coreia do Sul já apresentava crescimento anual de aproximadamente 10% ao final da década de 1960 (PETERSON, 2010).

A Coreia apresentou um enorme crescimento do seu PIB na ordem de até 21 vezes entre os anos 1950 (após a guerra) e os anos 1990, com taxa anual de 7,6% e com consistência, mas que ainda assim não pode se comparar aos padrões de renda *per capita* japoneses, nem nos dias atuais (MASIERO, 2000).

O que também pode ser visto nessas mesmas décadas é uma estratégia que utiliza tanto a “substituição de importações” adotada em países como o Brasil, quanto o modelo japonês de exportação intensiva, visando sempre a dominar técnicas produtivas em áreas de informação e produção de bens de valor agregado.

Sob forte intervenção estatal, a economia coreana passou por diversas reformulações e aplicações de pacotes econômicos que tornaram o processo burocrático um fator muito presente nas relações comerciais, o que se assemelha às etapas do crescimento econômico japonês em dois pontos: a preponderância de conglomerados familiares operantes na economia (*Zaibatsu* no Japão, e *Chaebol* na Coreia) e a presença do Estado como órgão regulador das decisões comerciais como o *Ministry of International Trade and Industry* no Japão (MASIERO, 2000).

Esse modelo de crescimento e investimento foi típico de países que se encontravam na esfera de influência do Japão. Por esse aspecto, as raízes do sistema econômico sul-coreano se encontram no período da dominação colonial da Coreia pelo Japão, quando muito do desenvolvimento na Coreia do Sul foi liderado por filiais de *Zaibatsu* japonesas, tais como a Mitsui e a Mitsubishi.

Havia cerca de duzentos *Chaebols* na República da Coreia. Alguns existem até os dias atuais, como a montadora de automóveis Hyundai e a empresa de eletrônicos Samsung. Talvez a diferença mais significativa entre o *Zaibatsu* e o *Chaebol* seja a de que os *Chaebols* não podiam gerenciar nem possuir seus próprios bancos, apesar de ambos serem marcadamente propriedades familiares e beneficiarem-se de laços estreitos entre os seus membros e o governo (PETERSON, 2010).

Muitas das práticas administrativas e financeiras observadas na Coreia podem ser desdobramentos daquelas iniciadas no Japão, uma vez que durante os anos da colonização japonesa na península, as leis e formas de

governo vigentes não eram senão as japonesas. Não apenas quanto a isso, mas a influência também foi visível no campo cultural e educacional, pois mesmo a língua oficial nas transmissões e a ensinada nas escolas era o japonês. Tais episódios causaram intensas revoltas e motins e até hoje motivam demonstrações de intolerância de ambas as partes.

O papel da educação como indutor do desenvolvimento

A grande conquista da educação primária e secundária japonesa não está na criação de uma elite brilhante (por exemplo, pelo fato de os países ocidentais proporcionarem melhores condições sempre a seus melhores alunos), mas na geração de uma enorme disseminação de conhecimento e nível técnico em todas as camadas da população. É uma estratégia que desperta muito interesse e pode gerar muitos bons resultados, enquanto ainda estamos aplicando testes de proficiência básica em leitura e informática nos alunos de ensino médio dos Estados Unidos. (ABEGLENN; STALK, 1985, p. 132-133)

O excerto acima destaca fatores importantes no que se refere às bases de sustentação para um processo de desenvolvimento consistente e ativo.

Primeiramente, a relação entre um sistema educacional estruturado e uma força de trabalho competente e bem instruída é praticamente complementar. Com o aumento da escolaridade de qualidade, a competição entre jovens por boas colocações no mercado de trabalho consequentemente traduz o esforço despendido inicialmente em produtos e serviços de maior qualidade para atender à população como um todo.

Em segundo lugar, nota-se uma diferença na forma de se tratar a abrangência e disseminação da educação, pois o estudo do referido pesquisador, descrevendo o sistema americano, destaca a facilitação de acesso de jovens de classes sociais mais elevadas a um ensino de qualidade, em detrimento do esforço do poder público em equalizar e expandir o conhecimento por igual.

Esse é um cenário que remonta às observações preliminares de que a centralização dos meios de produção e desenvolvimento do conhecimento pode provocar consequências negativas para a sociedade, que tenderá a monopolizar setores produtivos e condenará a maioria das pessoas a uma condição inferior de vida, na maioria dos casos com menos oportunidades profissionais e de contribuir ativamente para a economia daquele local.

Conclui-se então que essa é uma preocupação latente não só em países considerados em desenvolvimento, mas também nos desenvolvidos, no sentido de que o conhecimento difundido e manuseado por um grupo restrito acaba por minar possibilidades de crescimento e desenvolvimento para a sociedade de maneira geral.

A experiência econômica japonesa como referência

Segundo Ohkawa e Kohama (1999), a experiência japonesa não é única, mas um processo comum de desenvolvimento econômico tardio. A sua relevância num contexto econômico e social contemporâneo pode ser aferida por seus acertos e erros.

Um dos principais problemas para economias em desenvolvimento é a equalização entre o aumento de produtividade e o aumento de empregos. Esse fenômeno é perceptível, pois mais atenção é dedicada ao aumento e ao destino dos investimentos do que às questões trabalhistas, porém estas também são de grande importância.

Esse *trade-off* poderia ser solucionado, ou ao menos conduzido de uma forma melhor, se não houvesse uma polarização entre atividades de capital intensivo ou de trabalho intensivo, mas sim, de acordo com a fase de desenvolvimento atravessada pelo respectivo país objeto de estudo, se os investimentos tratassem essas duas vertentes de produção de forma mais equilibrada.

E além dessa reestruturação no quesito de aplicação de capital e força de trabalho, ainda no caso japonês, como se observa que a dependência de importados tem obtido níveis abaixo de 10% em setores específicos como maquinário e têxtil, a reversão para um foco maior na produção interna parece ser o curso natural de um processo pelo qual hoje passam as economias menos amadurecidas, e mais um passo na direção de uma industrialização completa.

Enquanto o Japão avança em subsectores que requerem potencial técnico e tecnológico, as nações em desenvolvimento seriam uma opção para a compra de maquinário e outras tecnologias já dominadas pelos países desenvolvidos. Esse processo de complementação entre esses dois grupos de países se tornaria economicamente viável, pois há a vantagem comparativa e mão de obra barata para a produção desses bens, por parte dos países em desenvolvimento.

Uma das únicas críticas e reflexões quanto ao modelo talvez seja a de que com esse tipo de plano de ação, as nações menos desenvolvidas estariam sempre fadadas a se tornarem polos fornecedores de mão de obra pouco ou medianamente especializada, bem como compradores de tecnologia e bens de valor agregados produzidos pelos países que já trilharam o caminho do desenvolvimento.

Sendo esse o caso ou não efetivamente, os autores tentaram demonstrar as possíveis semelhanças entre o processo desenvolvimentista japonês e o que é vivenciado pelas economias ditas em emergência atualmente.

Analogamente, tem-se de um lado que o foco do setor produtivo no Japão no pós-guerra, somado aos altos investimentos em educação, e sobretudo em pesquisa e desenvolvimento, mesmo na iniciativa privada, levaram o país de uma condição de inferioridade no âmbito do comércio internacional no período do pós-guerra a ter um PIB equivalente à soma dos PIBs de potências ocidentais como França e Reino Unido já no início dos anos 1970 (KENNEDY, 1986).

Sob críticas de delegar certas responsabilidades tradicionalmente estatais para um novo aliado político e de exercer o protecionismo para proteger sua indústria nascente dos equivalentes importados, ao mesmo tempo em que produzia e exportava intensamente produtos finalizados de valor agregado, o Japão exerceu uma política macroeconômica que, na visão de autores como Ohkawa e Kohama (1989), serve como referência para economias ditas emergentes nos dias atuais como Brasil, Rússia, Índia e China. Seria uma semelhança entre a sua política de aumento de exportações e o que os ditos países representam no cenário internacional atualmente por absorverem capital estrangeiro em forma de investimento, ao mesmo tempo em que usufruem de órgãos governamentais reguladores de câmbio e de parâmetros econômicos que legitimam suas decisões no cenário internacional.⁶

Considerações finais

Com a proposição de oferecer subsídios para discussões iniciais na temática do desenvolvimento político e econômico de atores asiáticos do sistema internacional, a presente pesquisa apresenta as seguintes conclusões:

Observa-se, sob a ótica de alguns autores (OHKAWA; KOHAMA, 1989), que processos identificados durante o crescimento econômico japonês estão sendo ou poderiam ser aplicados para potencializar o desenvolvimento das economias ditas emergentes. Em contrapartida, teses de contestação (CHANG, 2002) apontam para um cenário de falta de cooperação dos países desenvolvidos em relação aos países em desenvolvimento, citando-se, por exemplo, que técnicas defendidas pelos primeiros, como o livre comércio, se exercidas fielmente à teoria, não trariam os resultados alcançados por eles.

Esse tipo de atitude, considerada de tal forma, promove um crescimento da desconfiança entre as políticas econômicas interestatais, criando uma barreira a ser transposta, e minimizando os benefícios das relações comerciais e mesmo de paz e segurança. Em suma, as condições atuais dos países desenvolvidos, mesmo tendo em momentos um plano de ação se-

6. Ministry of International Trade and Industry.

melhante, foram pautadas por uma forma de produção industrial que está sendo repensada nos dias de hoje, dado o dano que ela representa ao meio em que o ser humano vive. Logo, é um modelo em reforma e que está sendo seguido pelas economias emergentes, embora não seja mais necessariamente encorajado.

Novos temas surgem em uma velocidade muito grande na agenda internacional, e muitos deles são relativos a temas de política ambiental, cultural e humanitária. A cooperação entre as nações, sobretudo no âmbito econômico e comercial, mostra-se como a via de condução das relações internacionais nos próximos séculos, mas cuja natureza competitiva ainda representa um percalço para que os temas dessa nova agenda gerem adesão e comprometimento dos Estados.

Esta pesquisa, com o intuito de investigar a relação entre crescimento econômico e desenvolvimento social, enfatiza que todo processo complexo de economia e comércio, e mesmo industrial, referindo-se aí ao setor produtivo de uma nação, passa necessariamente por um sistema educacional estruturado e eficiente. E além de uma eficácia necessária para gerar bons resultados, o que se aborda de fato é o valor quantitativo que essas iniciativas conseguem atingir, em número de pessoas que podem construir uma nação verdadeiramente desenvolvida.

Houve um processo claro de valorização da educação no Japão e na Coreia do Sul, que infelizmente não pode ser acompanhado em sua totalidade, até o presente momento, por nações que despontam atualmente no cenário internacional, devido à escassez de mão de obra qualificada.

Referências

- ABEGLENN, James C.; STALK, George Jr. *Kaisha: the Japanese corporation*. New York: Basic Books, 1985.
- CHANG, H. J. *Kicking away the ladder: the "real" story of free trade*. London: Anthem Press, 2002.
- GLADWELL, Malcom. The ethnic theory of plane crashes. In: GLADWELL, Malcom. *Outliers: the story of success*. New York: Back Bay Books, 2008. Cap. 7, p. 206-261.
- JANK, Marcos S. *Gansos voadores e patos sentados*. Instituto Ícone. São Paulo. 2005. Disponível em: <<http://www.iconebrasil.org.br/pt/?actA=7&areaID=7&secaoID=23&artigoID=1027>>. Acesso em: 20 nov. 2010.
- KENNEDY, P. O dilema japonês. In: *Ascensão e queda das grandes potências*. 20. ed. São Paulo: Elsevier, 1994. p. 436-447.
- MASIERO, Gilmar. *A economia coreana: características estruturais*. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/geap/artigos/art6.PDF>>. Acesso em: 16 jul. 2010.

IGOR MARIANO DE ARAUJO

MONFORTE, José Pedro de Oliveira. As lições da Grande Depressão foram aprendidas, e as lições japonesas? *Revista de Economia e Relações Internacionais*, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 58-65, jan. 2010.

MORITA, Akio. *Made in Japan: Akio Morita e a Sony Corporation*. New York: E. P. Dutton, 1986.

NAKAMURA, Takafusa. *Desenvolvimento econômico do Japão moderno*. Brasília: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 1985.

OHKAWA, Kazushi; KOHAMA, Hirohisa. *Lectures on developing economies: Japan's experience and its relevance*. Tóquio: University of Tokyo Press, 1989.

PETERSON, Mark; MARGULIES, Philip. *A brief history of Korea*. New York: Infobase Publishing, 2010.

SHIRAIISHI, T. *Japan's trade policies: 1945 to the present day*. London: The Athlone Press, 1989.

UCHINO, Tatsuro. *Japan's postwar economy*. Tóquio: Kodansha International, 1983.

UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA. *Peace treaty between Japan and the allied powers*. Los Angeles: Ucla Center for East Asian Studies, 1951. Disponível em: <<http://www.international.ucla.edu/eas/documents/peace1951.htm>> Acesso em: 25 fev. 2010.

YAMASHIRO, J. *Japão: passado e presente*. 3. ed. São Paulo: Centro de Estudos da Aliança Cultural Brasil-Japão, 1997.